

Artigo Original

A ARTETERAPIA COMO RECURSO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM E AUTOCONHECIMENTO

ART THERAPY AS A RESOURCE IN THE PROCESS OF LEARNING AND SELF KNOWLEDGE

Monica Barreto Sterza Nicoletta³

Resumo

A história nos mostra que a arte é inerente ao ser humano e é por meio dela que o homem se exprime em uma linguagem universal. A Arteterapia utiliza-se dessa linguagem como um processo terapêutico baseado na expressão artística. A presente pesquisa trata de um estudo de caso que tem como relevância científica investigar as possíveis contribuições da Arteterapia na aprendizagem escolar, auxiliando a criança no contato consigo mesma, com suas potencialidades e no processo de aprendizagem. Os atendimentos realizados neste estudo têm como referencial teórico a autora Cristina Dias Alessandrini e as Oficinas Criativas. Pôde-se observar no desenvolvimento deste estudo, que o vínculo com a arteterapeuta e o favorecimento de um espaço acolhedor possibilitaram a expressão artística e foram relevantes para que ocorresse uma mudança significativa, transformando a crença de incapacidade trazida pela criança em confiança naquilo que pode conseguir.

Palavras-chave: Arteterapia; oficinas criativas; dificuldade de aprendizagem; autoconhecimento.

Abstract

History shows that art is inseparable from mankind and a universal language for people to express themselves. Art therapy uses that language in a therapeutic process based on artistic manifestation. This research investigates how art therapy may help to acquire knowledge in

³ Jornalista, psicopedagoga e arteterapeuta.

school and to rebuild beliefs, helping children to get in touch with themselves, their potential and their learning processes. The theoretical reference for cases shown in this research is based on Cristina Dias Alessandrini and Creative Workshops. Results showed that bonding with the art therapist and a healthy environment for artistic expression were important to change a child perception of helplessness into confidence that objectives can be achieved.

Keywords: Art therapy; creative workshops; learning difficulties; self knowledge.

Introdução

Em minha experiência na educação o que mais me intrigava como professora era o fato de que muitos dos meus alunos apresentavam dificuldades básicas na escrita, na leitura e na interpretação de textos e isso era um problema que, na maioria das vezes, estava ligado à base do processo de aprendizagem e em muitos casos associado também à baixa autoestima.

A observação de uma possível melhoria no processo de aprendizagem do cliente a partir da abordagem terapêutica da arte é o objetivo deste estudo de caso.

A presente pesquisa tem como relevância científica investigar as possíveis contribuições da Arteterapia na aprendizagem escolar, na (re)construção de crenças produzidas ou transmitidas, auxiliando a criança no contato consigo mesma, com suas potencialidades.

O objetivo é demonstrar como a Arteterapia pode auxiliar no desenvolvimento da aprendizagem, manifestando-se no processo criativo.

Segundo Alessandrini (1996), existe uma relação entre arte e cognição nos processos de aprendizagem do ser humano e no trabalho realizado nas Oficinas Criativas, sendo possível integrar linguagens verbais e não verbais, concretizando uma imagem interna significativa. A expressividade por meio do trabalho arteterapêutico permite que o sujeito se sinta capaz de criar, facilita o processo de autoconhecimento, de comunicação, potencializando sua capacidade de pensar e se relacionar.

A fim de compreender esse percurso, discorrerei, nos capítulos a seguir, acerca da conceitualização, caracterização e histórico da Arteterapia, da importância da expressividade para o desenvolvimento infantil, das oficinas realizadas e do resultado obtido nessa ação.

A abordagem teórica que servirá como base para o estudo será da própria Arteterapia, usando a metodologia das Oficinas Criativas de Cristina Dias Alessandrini.

Capítulo 1 - Histórico, conceito e caracterização da Arteterapia

Desde a pré-história, o homem ao observar o mundo passa a registrá-lo nas paredes das cavernas de maneira bastante rudimentar, transmitindo sua vivência, criatividade, imaginação, conhecimento, ideias e, combinada a isso, sua percepção de mundo, razão e emoção.

A arte realizada tinha, segundo Araujo e Santos (2010) um significado mágico que os fazia acreditar terem o poder de capturar os animais uma vez que suas imagens estivessem desenhadas nas paredes. Ao longo desse período, com a evolução da espécie, o homem se organizou em tribos e usava a dança, a pintura, e rituais de cura como forma de expressão.

Assim, é possível entender que a arte é a primeira expressão de linguagem e comunicação humana, além de ser uma forma de interpretação da vida, que se desenvolveu por toda a existência. Segundo Philipinni (1995), existem registros que comprovam que a arte vem sendo usada como um recurso terapêutico para promoção, recuperação e manutenção da saúde desde o século V a. C.

Em pesquisa de Carvalho (1995), a autora aponta que Carl Gustav Jung, psiquiatra e psicoterapeuta, na década de 1920 começou a usar a arte como parte do tratamento psicoterápico. Silveira (2001) infere que Jung considerava a criatividade artística uma função psíquica natural e estruturante, cuja capacidade de cura estava em dar forma, em transformar conteúdos inconscientes em imagens simbólicas.

Em meados de 1925, a arte era prescrita por doutores como parte do tratamento médico.

A prática da Arteterapia, em 1941, foi sistematizada em território norte-americano pelas irmãs Florence Cane, arte educadora e Margareth Naumburg, educadora considerada uma

pioneira da Arteterapia nos Estados Unidos da América, que, segundo Carvalho et al (1995), desenvolvia o seu trabalho baseando-se em seus conhecimentos e na arte realizada espontaneamente por seus pacientes.

Segundo Andrade (2000), a intervenção terapêutica com a arte no Brasil tem sua origem influenciada tanto pela vertente psicanalítica quanto pela junguiana, cujos representantes são Osório Cesar (1895-1979) e Nise da Silveira (1905-1999), psiquiatras prógonos no trabalho com a arte junto a pacientes em instituições de saúde mental, sendo este tratamento o mais humanizado daquela época.

De acordo com Reis (2014), a função terapêutica da arte era permitir a expressão de vivências não verbalizáveis por aqueles que se encontravam imersos no inconsciente.

Para Allessandrini (1996), a arte possibilita a expressão da complexidade humana, bem como conteúdos conscientes e inconscientes, indicando ser uma técnica eficaz. A utilização de técnicas expressivas e a simples imagem elaboram no nível simbólico um conteúdo psíquico pré-existente. A expressão das imagens internas que possuímos, por meio de recursos artísticos, dá condições ao sujeito para que canalize sua capacidade cognitiva, transformando-a.

O sujeito com um histórico de fracasso escolar vê no erro um impedimento para o fazer. A arte como instrumento de expressão, em que possibilita experimentar sem o medo de errar, torna-se fundamental para o resgate da autoconfiança e do prazer de aprender, sem medo.

Capítulo 2 - O espaço de acolhimento de expressões

A criança ou adulto que passa pelo fracasso na aprendizagem geralmente apresenta uma baixa autoestima porque invariavelmente já foi rotulada como incapaz. De acordo com Fernández (1991, p. 48) “a aprendizagem é um processo cuja matriz é vincular e lúdica”. A criança pode não aprender, assumindo o medo de conhecer e de saber da família, ou respondendo à marginalização socioeducativa.

Em um processo terapêutico é essencial que se crie um ambiente acolhedor, em que a pessoa possa sentir-se à vontade para simplesmente ser, desprovida dos rótulos que lhe são impostos. Um lugar em que se possa experimentar situações, reelaborar suas ações, (re)construir, despertando assim a percepção do que se é capaz de criar.

Em Arteterapia, utilizam-se recursos que facilitam a aproximação entre o cliente e o arteterapeuta, por meio de oficinas e diferentes atividades, com materiais diversos, tais como: tinta, pintura, sucata, contos de fadas, argila, massa de modelar, criação de histórias, colagem, etc. A confiança adquirida por meio do vínculo e do ambiente seguro potencializa a capacidade criativa, promovendo seu (re)despertar e aguçando sua curiosidade pelo conhecimento.

Entretanto, é fundamental que a arte com finalidade terapêutica seja aplicada com ênfase na escuta e no cuidado para que não haja um constrangimento, fazendo com que, no caso, a criança não se sinta exposta em suas fragilidades, em seu “não saber”.

Allessandrini (1996) nos lembra de que a dificuldade na aprendizagem faz com que o sujeito sinta a necessidade de reorganizar sua maneira de aprender, redescobrimo o valor do saber, a importância e o sentido do conhecimento. Essa necessidade ocorre quando o sujeito é afetado de alguma forma, seja pelo espaço potencial, pelo vínculo criado com o outro ou pela oportunidade que encontra em expressar-se sem medo de errar. Dessa forma, as oficinas surgem como um modo de estabelecer uma relação positiva com a aprendizagem.

O trabalho com Oficinas Criativas promove o desenvolvimento das funções de aprendizagem. Ciornai (2005) discorre sobre a importância da atividade artística, afirmando que “na atividade artística, as representações interiores, os sentimentos e as experiências ganham concretude. (...) a concretude ajuda a tocar o que por vezes parece intocável, a limitar o que é sentido como ilimitado” (p.19).

Capítulo 3

3.1 - O menino que se achava “burro”

O processo de estágio, devido à minha vivência profissional na escola, encaminhou-se para o atendimento de crianças que conviviam com o fracasso escolar de maneira escancarada em suas vidas, sofrendo discriminação por parte de colegas e professoras, cobranças familiares e sentindo-se diferentes dos demais.

Realizei oficinas em grupo, sendo um dos componentes L., o foco desta pesquisa científica.

Antes de iniciar o atendimento arteterapêutico entrevistei a mãe de L. que relatou sobre sua vida e expôs a preocupação com o filho caçula sem saber o que fazer para ajudá-lo.

L., 8 anos, possui dois irmãos mais velhos (vinte e vinte e quatro anos) que nunca apresentaram dificuldades de aprendizagem. Diferente dos irmãos, a mãe relata que L. sempre apresentou tais dificuldades, realizando tarefas escolares com lentidão e necessitando do auxílio dos pais. Salientou que o pai negava levá-lo a qualquer tipo de médico e não impunha limites.

Logo no primeiro contato que tivemos, L. mostrou-se bastante receptivo e curioso em saber o que faríamos para que ele conseguisse aprender a ler como seus amigos, porque esse era um grande desejo que nutria. Nosso vínculo iniciou-se a partir daí, quando L. demonstrou fé e confiança no que poderíamos fazer para ele “ser como todo mundo”. (*sic*)

No dia da sondagem inicial, o paciente demonstrava insegurança e a cada tentativa de escrever ou ler uma palavra, repetia que era “burro”, que não sabia ler nem escrever. Embora reconhecesse as letras, sentia-se incapaz de uni-las para decodificar a palavra formada. Pude presenciar tal atitude a partir de uma atividade produzida na escola em que L. estudava, cuja proposta era a produção de uma história em quadrinhos do conto “A princesa e a ervilha”. A criança escreveu apenas o título (copiado da lousa) e não fez utilização da escrita para contar a história.

Apesar das escolas estaduais passarem do ensino tradicional para uma concepção construtivista de ensino e, respectivamente, o aluno ter saído do papel passivo na educação para o de construtor de seu conhecimento, as cobranças em relação ao que aprende ou aos erros que comete continuam as mesmas.

Segundo Macedo, Petty e Passos (2003), ao discorrer sobre o papel construtivo do erro, diz que “exige-se que as crianças correspondam sempre ao que é esperado, e isso geralmente significa ter êxito na realização das tarefas. (...) o grande desafio é aprender a identificá-lo, construindo ou aperfeiçoando esquemas que tornem possível sua superação” (p. 28).

O que percebi que ocorria com L. era que sua vivência, seu saber, suas hipóteses, não eram valorizadas. Esse fato o levava a não reconhecer dentro de si o seu potencial. A criança, simplesmente por estar no mundo, traz consigo o conhecimento da própria vivência.

O atendimento arteterapêutico em oficinas criativas torna-se um espaço em que a criança não se sente tolhida em sua expressão, pois não existe o erro. O sujeito tem valorizado seu poder de criação, sua expressão por meio da arte, propiciando seu desenvolvimento como ser global.

3.2 - Espaço de criação

Neste estudo de caso foram trabalhadas dezesseis oficinas embasadas nas Oficinas Criativas de Cristina Dias Allessandrini (1996).

O processo de Oficina Criativa é iniciado com uma *Sensibilização* em que o sujeito é convidado a se perceber. As estratégias usadas podem apoiar-se em construções do imaginário, em atividades corporais, de respiração, em exercícios lúdicos, visando sua vinculação à situação.

Em seguida, o sujeito demonstra a experiência vivida pela *Livre Expressão* de seu sentimento e pensamento, com uma linguagem não verbal, trazendo à tona o sentimento como imagem interna, que toma forma ao utilizar técnicas e materiais artísticos.

No decorrer da etapa ocorre a *Elaboração da Expressão*: quando se dá o aperfeiçoamento da forma expressiva escolhida pelo sujeito. O indivíduo (re)elabora na perspectiva da arte e em sua representação não verbal o conteúdo emergente das etapas anteriores. Nessa fase ocorre uma distância reflexiva que começa a ser trazida à consciência e o indivíduo começa a elaborar.

Na etapa seguinte é proposta a *Transposição* para a linguagem verbal, possibilitando (re) significar o processo. Neste ponto, trabalha-se de forma mais diretiva e sistematizada a estruturação do pensamento. Estimula-se o uso das funções do pensamento e de raciocínio nas operações mentais. É a parte do trabalho que mais se aproxima do fazer escolar, pois nesse momento pensamentos, poemas e histórias podem ser escritos.

Ao chegarmos na etapa da *Avaliação* ocorre a retomada do processo e o tempo para olhar e poder rever cada etapa, reelaborando conteúdos ainda não explicitados ou avaliando o significado simbólico da experiência vivida como um todo. Durante as Oficinas Criativas é permitido construir, criar, modelar, pintar o que é mais próximo de “si mesmo”, despertando a percepção de que se é capaz de realizar algo novo.

Os encontros desenvolveram-se em uma sala independente nos fundos de uma casa que contava com uma área conjugada, permitindo o atendimento ora dentro da sala, ora na área aberta.

Os atendimentos realizaram-se no período entre junho e dezembro de 2014, no período da manhã. A cada encontro as falas do participante foram transcritas e as atividades fotografadas.

L. apresentava dificuldade de aprendizagem, com histórico de fracasso escolar e baixa autoestima.

3.3 - Identidade e interação

Como durante a anamnese foram identificados, na maioria, problemas com a aprendizagem de escrita e leitura, a oficina iniciou com uma dinâmica de apresentação,

utilizando uma atividade corporal, dando vazão a outras formas de comunicação com o mundo que não necessariamente a escrita.

Essa prática foi utilizada como sensibilização, de acordo com a metodologia das Oficinas Criativas de Alessandrini (1996).

Para trabalhar a livre expressão e sua elaboração, L. foi convidado a customizar uma camiseta, retratando aquilo que o representasse. Ficou bastante motivado e pareceu estar bem à vontade ao escolher as letras para a montagem de seu nome. Em seguida, fez um desenho, cuja finalidade era o de retratar-se por meio dele. O objetivo foi trabalhar a autoimagem e a identidade.

L. pareceu estar feliz durante a atividade tanto ao colar as letras do seu nome na camiseta como em fazer e pintar o desenho. Até mesmo ao lavar o pincel e perceber que a água mudava de cor a cada vez que era molhado com alternância de cores.

Além de iniciar a construção do vínculo, o trabalho com a escrita do nome tem um papel fundamental no processo de alfabetização, proporcionando a percepção do sujeito como um ser social.

De acordo com Bernardo (2013), ao produzirmos algo dentro do contexto arteterapêutico, este produto retrata nosso mundo interno, permitindo-nos que olhemos para dentro de nós a partir do que nos foi exposto pela nossa arte.

Em relação aos desenhos elaborados por L. em sua camiseta, pôde-se observar sua docilidade e meiguice expressando verbalmente o amor que existe em seu coração, que ele desenhou fora do corpo e de igual tamanho. Em compensação, seu desenho apresentou alguns traços que sugeriam agressividade como dedos (traço palito), dentes à mostra e pintados de vermelho. A feição apresentava um sorriso que não parecia ser de alegria e a cabeça, relativamente maior que o corpo, poderiam indicar uma dependência social e emocional, natural em uma criança de 8 anos.

A transposição para a linguagem verbal ocorreu através de um questionamento em relação ao que estava representado no desenho. L. respondeu:

— “Esse sou eu. Eu estou feliz.” (*sic*)

— E o que tem no seu coração?

— “Tem piedade, felicidade. Mostra que estou feliz... bem..., que não aconteceu nada.”

(*sic*)

O grafismo, de maneira geral, pode ser usado como forma de comunicação, bem como ser utilizado como elemento técnico da psicoterapia, segundo o autor Kolck (1984).

Esse primeiro contato foi muito rico, apesar de ter ficado a sensação de que L. não se permitia sentir nada que não fossem “coisas boas”. O fechamento desse encontro foi bastante positivo, pois L. ficou muito satisfeito com o resultado do que produziu.

3.4 - (Trans) Formação e Renascimento

Nessa oficina, a proposta inicial era a de plantar flores em uma cuia de coco. A sensibilização para o plantio foi a leitura do conto chinês “O pote vazio” (Demi, 2008).

Conversamos sobre o conto e foi necessária uma intervenção para que conseguisse compreendê-lo. L. demonstrou dificuldade na sequência espaço/temporal em que a história acontecia.

De acordo com Araujo e Santos (2010), para favorecer um contato com o afeto a partir da fluidez das emoções, a primeira parte dessa oficina foi a confecção do pote. A cuia de coco foi lixada e depois pintada com tinta acrílica.

L. demonstrou gostar de manusear a tinta e trouxe nesse segundo encontro a questão do corpo, que aparentemente o preocupava bastante. Usava filmes como referência para explicar algo. Dizia estar gordo e a necessidade de fazer uma dieta. Comentou ter vindo ao espaço de atendimento sonhando acordado com as pílulas de vitaminas que os super-heróis Power Rangers tomavam para ficar fortes.

O pote de cuia ficou pequeno para a flor e o que parecia um problema nos conduziu para um trabalho com a questão do espaço. O primeiro espaço que ocupamos, o espaço do corpo. O que cabe e o que não cabe no espaço que ocupamos. Então, transferimos a flor para um

vaso maior, respeitando o espaço que aquela planta precisava, e fizemos uma sensibilização corporal para que se sentisse como sementinhas embaixo da terra, que vão despontando.

Depois da sensibilização L. plantou sementinhas de feijão e iniciou-se a partir dessa oficina o acolhimento das sementes, o exercício do cuidar, a transformação.

No início dos atendimentos L. não conseguia organizar seu pensamento. Perdia-se ao contar alguma história, que parecia não ter fim, com cenas desconectadas, confusas, além de um vocabulário empobrecido.

Uma das oficinas realizadas com a utilização de contos foi a de “João e o pé de feijão”. Esta narrativa nos abre a possibilidade, entre outras, de tratar sobre a construção da identidade, da transição da fase infantil para a pré-adolescência, do enfrentamento do menino com aquilo que é muito difícil de lidar (o gigante) e as riquezas que traz (de seu imaginário, seu potencial).

Foi solicitado que esta narrativa, tivesse parte dela desenhada em uma mandala, representando a cena mais significativa, com posterior verbalização. L. conseguiu recontar o pedaço da história escolhida, iniciando o processo de organização do pensamento.

L. desenhou a parte que João acordou e viu o pé de feijão crescido, ainda se mostrando inseguro em contar a história toda ou escrever parte dela.

Ao contar o trecho da história que mais chamou sua atenção, falou que achava que estava melhorando (referindo-se a sua capacidade de realizar a atividade). Depois disse:

“É legal desenhar. Porque desenhar não atrapalha nada, desenhar não acontece nada, desenhar não é fazer lição...” (*sic*)

Essa afirmação confirma o receio de L. em errar ao realizar a escrita com autonomia, preferindo expressar-se por meio do desenho.

Mesmo em sua expressão oral, pode-se notar um problema na organização das ideias, além do conteúdo empobrecido e, principalmente, a manutenção da crença de que não é capaz.

Nesse período, conhecendo as necessidades trazidas por L. em desenvolver a iniciativa, a autoconfiança e o foco, foi contada a história “A menina da lanterna”, cuja personagem precisa iniciar um longo caminho de autodesenvolvimento para reencontrar sua luz apagada pelo vento.

Após a história e a observação do movimento da chama da vela, L. foi convidado a confeccionar uma mandala, um Amuleto do Elemento Fogo, para trazer-lhe energia, vontade e confiança.

Bernardo (2013, p.103), considera que “o elemento fogo favorece a tomada de consciência por iluminar com sua luz o que não está visível”.

L. chamou seu amuleto de “Isduki”, por ser um nome que não é de ninguém e de nada que existe.

Para Fincher (apud Araujo e Santos, 2010, p.357)

Quando fazemos uma mandala, criamos nosso próprio espaço sagrado, um lugar de proteção, um foco para a concentração de nossas energias. Ao expressar nossos conflitos interiores na forma simbólica da mandala, projetamo-los para fora de nós mesmos. [...] A mandala nos ajuda a recorrer a reservatórios inconscientes de forças que possibilitam uma reorientação para o mundo exterior.

O elemento Terra foi trabalhado com a argila após a leitura do conto de Rubem Alves “O medo da sementinha”, que narra a trajetória de uma sementinha desde seu nascimento até virar uma árvore. Durante esse percurso, surgem medos e preocupações com o desconhecido. A mãe dela acompanha esses sentimentos, confortando-a e tentando tornar mais fáceis esses momentos. Da morte da sementinha nasce uma árvore, e, assim, o medo vai embora, dando lugar a uma vida feliz.

A escolha desse conto teve a intenção de auxiliar a compreensão de como a vida se desenvolve e de que podemos enfrentar as dificuldades.

Foi proposto um trabalho de modelagem e L. o fez criando duas flores, o jardineiro e a terra. A primeira flor não tinha olhos, nem boca. A segunda, apesar de se tratar da mesma flor, tinha olhinhos e uma boca.

Segue o diálogo entre mim e L. sobre sua expressão:

— Por que uma tem olhos e boca e a outra não?

— “Porque tinha uma rosa que nasceu sem ver. Ela não tinha olhos e boca, mas conseguia pensar. Ela escrevia numa folhinha e dava para a pessoa, que não entendia o que estava escrito. Aí ela escreveu no papel e deu para alguém diferente, que conseguiu entender.

A outra que estava nascendo, começando a crescer, tinha só oito anos e ela começou a ter olhos.” (sic)

— O que aconteceu para nascer olhos e boca?

— “Quando ela nasceu só tinha boca. Quando fez oito anos tinha olhos e boca e conseguia se comunicar, falar, brincar. Não precisava mais escrever no papelzinho. Posso fazer um homem cuidando delas?” (sic)

— Claro que sim! É importante ser cuidado por alguém?

— “É.” (sic)



Fig. 1 – Jardim completo

De acordo com Araujo e Santos (2010, p. 206)

A argila é moldável e recebe a projeção do mundo interior do indivíduo e através do contato com o barro, que por si só já é terapêutico, é possível criar, dar movimento e forma à argila, experienciando-se emoções que surgem no inconsciente.

A utilização desse material possibilitou concretizar a emoção que está por trás da figura representada na argila.

Esse foi um dos trabalhos mais significativos, pois L. surgiu em sua representação de maneira cristalina, ao se referir à flor que nasceu sem ver, que não tinha olhos e boca, mas conseguia pensar. Que não conseguia se comunicar, pois ninguém entendia o que escrevia em uma folhinha. Nesse trecho parece ter representado todo o sentimento de incapacidade que sentia.

Depois vem a parte da descoberta do outro que o entendia. Alguém diferente, e nesse caso, impossível não me apropriar desse papel. Então, o (re)nascimento em outra flor que estava nascendo.

L. pontuou que a flor aos 8 anos conseguia se comunicar, pois começou a ter olhos e boca e conseguia se comunicar. Não precisava mais escrever no papelzinho. Essa era a idade que L. tinha quando iniciamos os encontros.

À medida que o sujeito não tem sucesso em suas expectativas e desejos, o compromisso consigo próprio fica cada vez mais distante. L. demonstrou ter descoberto seu potencial e iniciou um processo de ressignificação de si mesmo, transformando a autoimagem deturpada que tinha de si em outra, que se abria para a possibilidade do aprender com prazer, cuidando do que está surgindo. Do sujeito que é visto e compreendido, que é capaz de construir seu aprendizado, tornando-se o jardineiro de si mesmo.

L. nas oficinas seguintes demonstrava mais confiança e identificou-se bastante com a confecção do “Olho de Deus”.

Conta-se que quando as crianças são capazes de confeccionar seu próprio Olho de Deus, o fazem colocando neles seus próprios desejos. O trabalho com fios, laços e nós corresponde, simbolicamente, à formação de vínculos, aos laços que nos unem, aos nós que surgem em nossas vidas (bloqueios), à libertação das amarras que nos prendem, nos possibilitando formar novos vínculos.

Assim como as crianças dos povos do Oriente, L. ao confeccionar seu trabalho expressou o seu maior pedido: *aprender a ler*. Entretanto, esse desejo não foi carregado de angústia e sim de esperança e alegria, embora expressado em tom de segredo.

Confeccionou com bastante segurança e pediu para fazer mais um, além de material para fazer em casa. Mostrou-se muito animado e feliz.

À medida que os elementos eram trabalhados e as oficinas eram realizadas L. demonstrava mais confiança.

Nas últimas oficinas foram trabalhados os sentimentos, confeccionando carinhas das emoções, conversando sobre os vários “eus” que moram dentro da gente, porque L. parecia estar bloqueado para expressar qualquer sentimento que não fosse amor, alegria, felicidade, relacionando a raiva, principalmente, com aspectos religiosos que entendia não serem aprovados.

O conto trabalhado foi “A lata dos sentimentos”, que narra a história de um mágico artista que dá de presente aos habitantes da aldeia uma lata. Os moradores da vila são levados por sua curiosidade a mergulhar com coragem e criatividade dentro desta lata.

Nessas oficinas L. conseguiu entender que não há problema em sentir coisas que não são positivas como a raiva, o ciúme, etc. Conseguiu expressar a raiva que sentia ao ser chamado de “gordo” e não se sentir culpado por se sentir assim.

L. era uma criança que estava acomodada no papel de quem “não sabia”, desprovido de vontade e acreditando em sua incapacidade de aprender. Precisava ser (re)integrado no contexto escolar de maneira positiva, sem o peso dos rótulos que lhe foram dados de incapaz, preguiçoso e “burro”. Precisava arriscar sem medo de errar.

4 Considerações finais

Muitas crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem sentem-se incapazes, o que prejudica ainda mais seu processo de construção de conhecimento.

Neste estudo de caso, pôde-se observar que o vínculo entre o paciente e a arteterapeuta e o favorecimento de um espaço em que possibilitou o processo de expressão artística foram relevantes para que houvesse a mudança de crença de L., transformando seu sentimento de incapacidade em confiança naquilo que pôde conseguir.

O vínculo formado entre nós transformou-se em ferramenta essencial para dar movimento a esse processo de resignificação, assim como o mundo mágico que se abriu a cada experiência criativa, onde o limite era a própria criação. Foi preciso que L. se utilizasse da força interior para mudar essa crença.

Passados dois meses de atendimento, sua mãe informou que seu filho, quando foi levado ao médico, conseguiu ler as placas que estavam na sala de espera. Disse emocionada que nunca imaginou que isso pudesse acontecer.

Percebe-se que L. após todo o trabalho desenvolvido, principalmente com os quatro elementos, Terra, Fogo, Água e Ar, apresentou alguns progressos na escola. Embora não tenha sido o suficiente para promovê-lo, foi perceptível seu amadurecimento e demonstração de interesse em aprender.

L. já consegue ler pequenos trechos de livros, que agora ele solicita, compreendendo o que lê. O primeiro livro que leu foi “O menino que aprendeu a ver”, de Ruth Rocha. Esboçou durante as últimas oficinas o desejo de escrever livros de história criados por ele — motivado por atividades realizadas nos atendimentos — e iniciou o processo de escrita autônoma. De acordo com Santos (2006), “construir uma história sobre algo criado pela própria criança, investido de afeto, expressando o seu mundo interno, pode trazer o entusiasmo por escrever” (p. 18).

Portanto, conclui-se que a Arteterapia pode sim contribuir na aprendizagem escolar, na (re)construção de crenças produzidas ou transmitidas, auxiliando a criança no contato consigo mesma, com suas potencialidades e no processo de aprendizagem, ajudando-a a ter um novo olhar para si, além de demonstrar que o vínculo e a oportunidade de expressão são fatores essenciais para um bom desenvolvimento do ser como aprendiz e como conhecedor de si mesmo.

Data de recebimento: 22.02.2017

Data de aceite: 15.04.2017

Referências

ALLESSANDRINI, Cristina Dias. **Oficina Criativa e Psicopedagogia**. São Paulo. Casa do Psicólogo, 1996.

ALVES, Rubem. **O medo da sementinha**. São Paulo. Paulus, 1997.

ANDERSEN, Hans Christian. **O patinho feio**. São Paulo. Editora Companhia das Letrinhas, 2008.

- ANDRADE, Liomar Quinto. **Terapias Expressivas**. São Paulo. Editora Vetor, 2000.
- ARAUJO, Márcia Melo de; SANTOS, Reica Barros. **Arteterapia Transpessoal**. Recife. COMUNIGRAF, 2010.
- BERNARDO, Patrícia Pinna. **A prática da Arteterapia: correlações entre temas e recursos: temas centrais em Arteterapia**. 4. ed. São Paulo. Arteterapinna Editorial, 2013.
- CIORNAL, Selma. **Percursos em Arteterapia: arteterapia e educação. Arteterapia e saúde**. São Paulo: Summus, 2005.
- CONTO POPULAR EUROPEU. **A menina da lanterna**. Disponível em: <http://festascristas.com.br/sao-joao-batista/sao-joao-batista-historias/671-a-menina-da-lanterna>. Acesso em: 05/09/2014.
- DEMI. **O pote vazio**. Youtube, 2013. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=EK6tnR0I_Ak. Acesso em: 14/06/2014.
- CARVALHO, Mara Aparecida M. J. de. **A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia**. São Paulo, SP: Psy II, 1995.
- FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre. Artmed, 1991.
- _____. **O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento**. Porto Alegre. Artmed, 2001.
- FINCHER, S. F. **O autoconhecimento através das mandalas**. São Paulo. Pensamento, 1991.
- GUTTMANN, Monica. **A lata de sentimentos**. São Paulo. Evoluir Cultural, 2003.
- KING, Stephen. **O homem que amava caixas**. São Paulo. Brinque Book, 2010.
- MACEDO, Lino de; PETTY, Ana Lúcia Sícoli; PASSOS, Norimar Christe. **4 cores – Senha e Dominó: oficina de jogos em uma perspectiva construtivista e psicopedagógica**. São Paulo. Casa do Psicólogo, 2003.
- MARTINS, Mirian Celeste. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo. FTD, 1998.
- MEDEARIS, Angela Shelf; Minter, Daniel. **Os sete novos** – um conto de Kwanzaa. Editora Cosac Naify, 2005.
- NICOLETTA, Mônica Barreto Sterza. **O desenho enquanto avaliação psicopedagógica: estudo de caso**. Trabalho de conclusão de curso apresentado no curso de Psicopedagogia na UNIBAN – Universidade Bandeirante, São Paulo: [s.n.] 2010.
- PHILIPPINI, Ângela. **Universo Junguiano e a Arteterapia**. Coleção de Revistas de Arteterapia “Imagens da Transformação” – Pomar – 1995.
- REIS, Alice Casanova dos. **Arteterapia: a Arte como Instrumento no Trabalho do Psicólogo**. Revista Psicologia: Ciência e Profissão, 2014, 34 (1), 142-157.
- SANTOS, Dilaina Paula dos. **Psicopedagogia dos fantoches: jogo de imaginar, construir e narrar**. São Paulo. Vetor, 2006.

TRIVIZAS, Eugene. **Os três lobinhos e o porco mau**. São Paulo. Brinque Book, 1993.
VAN KOLCK, Odette Lourenção. **Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico**. São Paulo. EPU, 1984.